

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIER TEMÁTICO**  
**LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E OUTRAS ARTES**

Sara GRÜNHAGEN<sup>1</sup>

Dedicado especificamente às Literaturas de Língua Portuguesa, conhecidas e reconhecidas na França graças ao trabalho de pesquisadores e tradutores que sobre elas se têm debruçado, este número da revista *Passages de Paris* reúne uma série de artigos que analisam o diálogo constante e variado que narrativas produzidas por escritores e poetas portugueses e brasileiros estabelecem com outras expressões artísticas. São vários os autores cuja obra é revisitada no presente dossier, entre os quais Cesário Verde, Fernando Pessoa, José Saramago e José Cardoso Pires, no contexto português, e Mário de Andrade, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Manoel de Barros, no contexto brasileiro.

Esse rol de nomes permite por si só antecipar o cenário amplo e complexo que se desenha a partir do conjunto de trabalhos aqui publicados, que dão conta das particularidades das obras que se propõem a analisar ao mesmo tempo em que sugerem, estabelecem e/ou solidificam pontos de contato entre criações, épocas e mesmo culturas diversas. Nisso está, aliás, parte do grande potencial heurístico e da efetiva contribuição para o avanço do conhecimento científico que pode derivar de um dossier temático, como acredito ser o caso deste número 25 da revista *Passages de Paris*. Reunidos, os ensaios que a seguir serão apresentados não só atestam a vitalidade de uma produção artística e de determinado campo do saber – isto é, as Literaturas de Língua Portuguesa pensadas sobretudo a partir dos atuais estudos narrativos –, mas também realçam a necessidade de compreender e analisar certos diálogos específicos e muito recorrentes nas literaturas portuguesa e brasileira, de repensar e aprofundar alguns conceitos narratológicos, como é o caso da intermedialidade, e de fazê-lo levando em conta obras escritas numa língua ainda marginal e que, proporcionalmente, não costumam ser alvo da mesma teorização que aquela dedicada às culturas de língua inglesa e francesa.

---

<sup>1</sup> Sara Grünhagen é doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Université Sorbonne Nouvelle, em cotutela com a Universidade de Coimbra. A sua tese foi publicada em português e em francês, em versões adaptadas, sob os títulos *A cor dos cabelos de Deus: a oficina de escrita de José Saramago* (Fundação José Saramago/CLP, 2023) e *José Saramago et son atelier d'écriture* (Honoré Champion, 2022). Tradutora, autora e coeditora de diversas publicações sobre as literaturas portuguesa e brasileira, ela é investigadora do Centre de recherches sur les pays lusophones (CREPAL/Sorbonne Nouvelle) e do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, onde realiza atualmente uma pesquisa de pós-doutorado. E-mail: sara.grunhagen@gmail.com.

Pelas suas afinidades temáticas e teórico-metodológicas, os trabalhos deste número foram divididos em dois eixos, que também dialogam entre si e abrem caminho para novas reflexões e perspectivas de análise literária.

Intitulado “Leituras intermediáticas e transmediáticas”, o primeiro eixo associa-se mais diretamente à atual disciplina herdeira da narratologia de matriz francesa que, sem deixar de reconhecer a inegável contribuição daqueles primeiros estudos, tem buscado ampliar o seu escopo teórico, cultural e mesmo midiático. Renomado estudioso na área, Carlos Reis abre este número e este eixo com o texto “Mulheres saramaguianas: o ser humano inteiro” (p. 10-27), refletindo em especial sobre os conceitos de personagem e de intermedialidade por meio da análise de um projeto elaborado a partir da obra do nosso Nobel português, que resultou em produções de seis artistas plásticos e de seis escritoras dos países de Língua Portuguesa. O estudo de Carlos Reis tem ainda o mérito de tornar mais conhecido esse recente conjunto de trabalhos, alguns dos quais são incluídos ao longo do texto e no apêndice do artigo, chamando a atenção pela sua qualidade e originalidade.

É igualmente intermediática a análise proposta por Gabriella Mendes no artigo seguinte, “Questões sobre a adaptação cinematográfica: a transposição da figura do narrador em *O Delfim*, de José Cardoso Pires” (p. 28-42). Retomando e associando o importante debate científico e narratológico acerca do tempo, a autora reflete sobre as relações entre literatura e cinema e sobre o narrador metaléptico de Cardoso Pires, servindo-se desse outro conceito-chave que é a metalepse, muito discutida no contexto teórico atual, e que se revela bastante pertinente para pensar também a literatura portuguesa.

Falou-se antes, propositadamente, que o alvo deste dossier são narrativas produzidas não apenas por escritores, mas também por poetas portugueses e brasileiros. É já disso que trata o artigo seguinte, “Pensar com os olhos e com os ouvidos: os sentidos do real na poesia” (p. 43-60), de Raquel Brandão do Sêrro. A autora parte do conceito de transmedialidade – noção derivada da intermedialidade e que trata de fenômenos que não se restringem a uma única mídia, como é o caso da própria narratividade – para analisar a poesia de Cesário Verde, Alberto Caeiro e Manoel de Barros e demonstrar como se dá, na criação desses três grandes poetas afins, “o salto da escrita para a imagem” (p. 51).

Sublinhando o importante diálogo que se estabelece entre a produção cultural portuguesa e brasileira, tal artigo faz a transição para o eixo seguinte, “*Ut musica poesis*”, com análises que partem agora sobretudo da literatura brasileira. Os três estudos que integram este eixo associam-se a um painel homônimo organizado pela signatária deste texto e por Paulo Iumatti para o IV Congresso Internacional da Associação de Brasilianistas na Europa (ABRE), que teve lugar em setembro de 2023. O mote que norteou aqueles trabalhos

foi a famosa máxima horaciana *Ut pictura poesis*, transformada de maneira a destacar a importância da música na produção literária brasileira.

Em “A música de Mentira no *Banquete* de Mário de Andrade” (p. 61-76), Eugenio Lucotti analisa nessa obra inacabada e fragmentária o modo como o meio intelectual brasileiro de então é representado, com ênfase na sua relação com a música dita erudita e aquela de expressão popular. Lucotti ressalta o quanto o autor de *Macunaíma* busca ultrapassar certos dualismos como “arte social e esteticismo, folclore local e padrões culturais estrangeiros”, que moldavam “a reflexão estética num Brasil que, após a experiência dos modernismos, procura delinear as condições para a criação artística nacional” (p. 73).

A poesia e suas melodias são o centro da reflexão seguinte, “Quando a poesia ouve a música” (p. 77-89), de Fernando Paixão, que volta a destacar o marcado diálogo entre a produção cultural brasileira e portuguesa. Propondo uma reflexão sobre o modo como a forma escrita tenta “recuperar o momento da audição musical” (p. 77), o autor analisa um conjunto de versos assinados por nomes como Jorge de Lima, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Paulo Henriques Britto, lidos lado a lado dos poetas Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Casimiro de Brito e Vasco Graça Moura.

Por fim, em “Devir-música em *Água viva*” (p. 90-101), de Pamela Zacharias, a musicalidade deste livro inclassificável de Clarice Lispector é analisada com o aporte das reflexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trata-se de afirmar, entre outros aspectos, a “potencialidade criativa da língua” (p. 95) e da escrita de Clarice, cuja relação com o Brasil e com a língua que tornou sua é notória. Como a de outros escritores contemplados neste dossier, a obra de Clarice é emblemática do diálogo intercultural e interartístico intrínseco à literatura produzida em Língua Portuguesa e que os trabalhos que se lerão a seguir vêm demonstrar e aprofundar.